DEBATE – Fórum Nacional do Campo Lacaniano - 1999

Elisabeth Saporiti - Quero primeiramente agradecer à organização do Fórum Nacional e aos colegas de Belo Horizonte o convite e a oportunidade de dividir hoje com vocês algumas reflexões.

Cabe a mim fazer um comentário sucinto dos trabalhos expostos, antes de passarmos ao debate propriamente dito. Não tenho a pretensão de poder ser fiel às possibilidades de reflexão que cada um deles nos apresenta. Assim sendo, procurarei me ater a alguns pontos comuns aos três.

Esses pontos talvez possam ser resumidos em uma consideração acerca da importância do histórico sobre o passe e a transferência e sobre o passe e o laço social.

Sobre este título "O Cartel do Passe, o Passador e a Escola", os três trabalhos nos falam sobre o dispositivo do passe. Antonio Quinet se propõe a trazer uma contribuição a partir de considerações do Cartel do Passe na EBP vistas no seu geral.

Nilda Deiró, numa escritura extremamente bem engendrada, falou de sua experiência tentando colocar em palavras o que é difícil de ser falado. E, finalmente, o trabalho de Marie-Jean nos trouxe uma contribuição muito importante sobre o passe na sua relação com o laço social. Penso que quando nós tivermos a oportunidade de ter esses trabalhos para serem lidos, poderemos fazer uma série de outras reflexões. A minha intenção, hoje, é apenas apontar para algumas possibilidades de debate.

Quanto ao histórico, os três trabalhos referem-se à experiência do passe, mas não do passe em si. Falam-nos de acertos, sucessos e também falências da experiência do passe. Gostaria de marcar quanto me parece importante ter presente a história, refletir sobre o que foi o passe até agora, se pensamos em colocá-lo, como Lacan o propõe, como algo de fundante na nossa Escola, na Escola que queremos.

Quanto ao passe e à transferência, considerando que o tema do nosso encontro aqui é, justamente, o saber lidar com a transferência, é nesse andaime fundamental da clínica psicanalítica – a transferência – que gostaria de centrar-me. Os três trabalhos apresentados remetem-nos a uma reflexão sobre o que vem a ser o destino da transferência no final de uma análise. Gostaria de propor que nos interrogássemos até onde a experiência do passe modificou as concepções clínicas, epistêmicas e políticas acerca da transferência. Sem dúvida, a nível clínico, o passe mostra-se estritamente solidário à concepção lacaniana de final de análise. Sabemos como Lacan define o final de análise, com uma fórmula muito precisa: é a passagem de analisante a analista.

Considerando-se este nível clínico, o passe está aí justamente para tornar verificável isto num final de análise. O dispositivo do passe, em termos institucionais, deve tornar possível e efetivo este testemunho, que cada um pode dar de seu particular franqueamento neste sentido e fazê-lo transmissível à comunidade.

Fica, então, aqui a sugestão para pensarmos qual o destino da transferência,

uma vez que a transferência que resta de uma operação analítica que chegou a seu termo, não implica nem na sua liquidação e nem numa volta ao ponto zero. Principalmente, o que podemos entender por transferência de trabalho depois do passe. Sim, isto parece importante no sentido de que o passador, sendo nomeado, vai estar ligado a um trabalho com a comunidade. Deve assumir as conseqüências do ato que o orienta na sua prática como psicanalista, sustentado por um desejo inédito. E será justamente só *a posteriori* que um AE poderá dar testemunho, transmitir e ensinar a psicanálise a partir de sua experiência. Assim, ao fazer-se responsável pelo progresso da transmissão da psicanálise, fica implicada ao AE uma nova responsabilidade. Não apenas subjetiva mas, também, na sua relação com a comunidade analítica, com a Escola, tal qual Lacan a propõe.

Um outro ponto que gostaria de sugerir para refletirmos é a relação do passe com o laço social, necessário à instituição. O passe só se faz possível quando há um laço social na comunidade. Como Antonio Quinet mostrou num trabalho publicado na Internet, há necessidade de cortesia e confraternidade na comunidade analítica. O discurso analítico é o laço social criado por uma análise. Primeiramente, é um laço entre duas pessoas, embora sejam quatro os termos do discurso. O grupo analítico, por sua vez, é um conjunto, uma massa, que vai da comunidade local à internacional.

A questão que fica para pensarmos é justamente esta à qual o discurso analítico leva o sujeito, instaura a necessidade da instituição analítica e, ao mesmo tempo, ameaça essa própria instituição. O analista ex-siste – como duas palavras – ao saber do Outro e ele sabe disso. É o que evidencia o discurso analítico quando no lugar do agente se coloca o objeto *a*, simbólico, que o analista encarna com o seu saber fazer. Esse saber impossível a que o analista, qual Sísifo moderno, deve tentar refazer, tem ainda uma outra peculiaridade que Marie-Jean frisou várias vezes: ele não pode ser produzido por um só, ele não pode ser produzido isoladamente. Por isso o analista se associa com aqueles que compartilham dessa mesma posição frente ao saber, desse saber impossível. É uma necessidade estrutural que determina implicações subjetivas para o analista.

Então, sugiro que pensemos o que é, o que vem a ser a instituição analítica para um analista. Em geral, como marca Colette Soler, a instituição protege e tampona a posição insustentável do analista. Por isso ele se aferra a ela. Às vezes, até mesmo à obscenidade dos efeitos de grupo. Ou seja, a proposta é que se repense essa afirmação: saber se a instituição mesma deve fazer semblante de um Outro que não existe. Penso que esta frase tem dado lugar a muito mal-entendido. E parece-me sumamente importante a observação de Marie-Jean mostrando-nos que o Outro existe. O que não existe é o Outro do Outro, que nos daria uma garantia total. Mas esse Outro a quem nos dirigimos depois do passe, com quem precisamos fazer uma aliança, esse Outro, nós temos alguma liberdade de escolha, de tal forma que quando percebemos que o Outro nos trai, nós podemos dizer não. Isso me parece muito importante, e talvez mereça uma reflexão. Enfim, são apenas alguns pontos para que possamos iniciar o debate.

Jairo Gerbase – Queria comentar o que Quinet disse: Apesar das falcatruas o

dispositivo do passe funciona. Estou de acordo com ele. Mas essa conclusão preocupou-me. Leva-me a pensar que supõe que não é necessário modificar nada no dispositivo. Queria lembrar-lhe que houve disfuncionamentos também nos dispositivos da Escola Freudiana de Paris (EFP), sob o zelo de Lacan.

Também queria dar uma palavra a Nilda Deiró a propósito deste enunciado que dá título ao seu trabalho, "O Passe é o Passador". Tivemos a oportunidade de discutir, mais cedo na Comissão Crítica do Passe, um pouco essa opinião, onde chegamos a dizer que há uma desproporção considerável entre o dispositivo analítico e o dispositivo do passe. Porque precisamos de duas pessoas para fazer funcionar o dispositivo analítico e precisamos, para fazer funcionar o dispositivo do passe, de onze pessoas! É uma desproporção considerável. Então, perguntei-me: se o seu passe é o passador, você poderia propor enxugar mais o dispositivo? Por exemplo, parece que na nossa experiência o passe é que foi o cartel do passe e não o passador. Você considera que o passador é que teve este relevo ou foi o cartel do passe que teve esse relevo?

Enfim, mais uma questão para Marie-Jean Sauret: ele disse-nos que a garantia que devemos esperar é garantia de nada. Também não irei ter a felicidade, em outro dia, de dizer que damos um certificado de dejeto. Fico pensando se a sociedade pode aceitar um certificado de dejeto, um corpo social. Mas ao mesmo tempo Marie-Jean diz a verificação pelo passe. Queria perguntar-lhe o que o passe verifica, e principalmente quem deve indicar o momento dessa verificação. Se o analista autoriza-se por si mesmo, pensei, tentando induzir um pouco sua resposta, na nossa futura escola vai acontecer um passe a cada cinco anos. Vai haver uma demanda a cada cinco anos, que a nossa escola não vai ter essa "sede" de passe.

E, finalmente, queria propor-lhe uma polêmica sobre o último ponto, se você não tomar esse termo – polêmica – como Michel Foucault, pois Foucault detesta polêmica. Creio que, em março de 76, num texto que se estabeleceu sob o título de Escroqueria Psicanalítica, Lacan disse "*il y a de l'un est il y a rien de l'autre*". E retomo isto, a bem da verdade, pois não sou delegado de um delegado.

Fernando Grossi – Quinet fala sobre o que houve no cartel do passe na EBP. Quando vejo o relato de Nilda falando dos passadores e dos passantes que entraram no dispositivo, que funcionou pelo cartel do passe, num nível superior foi uma zorra, e num nível que envolveu os passadores e os passantes vocês estão vendo relatos surpreendentes. Em cima, com êxtimo, com Miller, com confusão, foi um escândalo. Há que realmente recuperar essa experiência. Por isto eu gostei do trabalho de Nilda de colocar o passe e os passadores.

Mas queria retomar o debate. Desde as Lições de Lacan, no Rio de Janeiro, que aparecem – aqui, sobretudo com Quinet – questões a propósito do desejo do analista e do final de análise. Havia realmente, no Rio de Janeiro, pouca clareza para discernir o tema do desejo do analista e o final de análise, sendo que Quinet resgata indicações precisas no texto de Lacan concernentes ao desejo do analista e ao final de análise. É verdade que nós temos escutado que o passe na AMP pouco serviu

à questão do desejo do analista, centrou-se na questão do final de análise sem articular esses dois termos, que Lacan chega a marcar na Carta aos Italianos que é possível o final de análise sem a produção do desejo do analista. Eu estou introduzindo e retomando essa discussão porque tenho um pouco de preocupação de, ao não indexarmos o questão do desejo do analista à do final de análise, abrirmos um certo relativismo, o de encontrar o desejo do analista na experiência do passe sem maiores precisões, e, assim abrirmos possíveis desvios como na AMP, que – segundo comentários de alguns colegas –, ao privilegiar o final de análise na verificação da questão do passe dissociado do desejo do analista, trouxeram conseqüências.

A segunda questão é outro comentário: O passe de entrada na EBP se centrava na entrada em análise. Gostaria de retomar o debate sobre a questão do passe de entrada ser um empuxo ao *acting-out*, já que no texto de Quinet ele marcou muito bem a dimensão do ato analítico.

Rainer Melo – Sobre o disfuncionamento observado no Cartel do Passe, vejo de uma maneira um pouco diferente de Fernando, porque acho que os cartéis que se dissolveram para não atender a um pedido de nomeação, provaram que houve um funcionamento deles.

Vou propor uma questão para Marie-Jean e Antonio Quinet: como participantes do cartel do passe, gostaria que contassem essa questão que Fernando levantou e que eu retomo sob outro aspecto, o de que o cartel se dissolveu para não atender a um pedido de nomeação.

Outra questão que nós temos discutido e que voltou à mesa hoje: Marie-Jean vem de uma experiência na Escola onde a verificação era de final de análise e a de Quinet é de entrada na Escola. A partir daquele texto que nós tivemos a oportunidade de discutir, do discurso de Lacan à EFP, onde a proposta dele era a verificação da virada de analisante a analista, ou seja, a emergência do desejo do analista. Então, levanto a seguinte questão: se vocês vêem o perigo de um passe, onde se verifica o final de análise e não a comprovação da virada de analisante a analista, se não se corre o risco de repetir o que nós vimos na AMP. Se não seria importante a gente não se prender a um passe em que se verifique o final de análise e sim, como Lacan diz no discurso à EFP, que seja verificada a virada de analisante a analista e que o passe não seja nomeação para ingresso como membro da nossa escola.

Dominique Fingermann – Devo confessar que apesar do imenso respeito que tenho pelo trabalho dos colegas que estão produzindo sobre suas experiências de passe na entrada, tenho uma certa dificuldade de entender o que se verifica no passe sob transferência porque estou pondo o desejo de analista com a demanda do analisante. Portanto, verificar o desejo do analista é verificar o esvaziamento da demanda do analisante. Por isso, como verificar o desejo do analista, se ele é o esvaziamento da demanda do analisante, sem verificar ao mesmo tempo que a análise chegou à sua finalidade, ao seu fim?

Antonio Quinet – Lacan fez a proposição do passe para dar uma alternativa ao que havia na IPA em relação à garantia dos analistas por discordar que o próprio analista determine se o sujeito chegou ou não ao final de análise. Lacan tira o analista de cena indicando que este não tem condições estruturais de dizer se o analisante virou analista. Isso me parece essencial e abrir mão desse projeto lacaniano seria retroceder. A primeira operação de Lacan foi portanto tirar de cena o analista e colocar em cena o analisante para falar sobre o que o fez virar analista.

A segunda operação é tentar esvaziar a transferência dentro desse dispositivo onde a palavra é dada ao analisante e instaurar aí a estrutura do *Witz* com a figura do passador. É importante falarmos dos fundamentos deste dispositivo; eu só posso falar disto a partir do que foi a nossa experiência. Nela ouvimos dois passadores relatando o mesmo passe, acentuando pontos totalmente distintos, ou melhor, uns coincidiam e outros eram diferentes e esclarecedores. Aliás, o relato de um passador esclarecia o relato do outro. Há coisas que um passador não escuta e que o outro pode escutar. Talvez pela sua própria subjetividade, seus pontos cegos, ou pelo mal-entendido da comunicação. Há maior chance de que possa passar mais pontos quando há duas pessoas para escutar o passante, e que possam falar, pois pode haver embates entre passantes e passador, e aí não passa nada mesmo. Há casos também em que o passador bloqueia, seja devido a um problema transferencial ou mesmo político-institucional, fazendo com que um passe, e o outro não, o que o passante testemunha. A estrutura de dois passadores deve portanto ser conservada, para aumentar a chance de que não seja um fracasso.